



A OMISSÃO DOS PRONOMES “ME” E “SE” DIANTE DE VERBOS PRONOMINAIS E REFLEXIVOS NA FALA DA COMUNIDADE DE CÁCERES-MT: UMA TENDÊNCIA REGIONAL

THE OMISSION OF THE PRONOUNS "ME" AND "IF" BEFORE PRONOUN AND REFLEXIVE VERBS IN THE SPEECH OF THE COMMUNITY OF CÁCERES-MT: A REGIONAL TREND

Nadir da Conceição Figueiredo Leite (PPGL-UNEMAT)¹
nadir.leite@unemat.br

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo sobre uma particularidade do dialeto da comunidade de Cáceres-MT relativa ao uso dos pronomes “ME” e “SE”. Trata da tendência à omissão desses pronomes pelos nativos da comunidade diante de verbos pronominais e reflexivos. Desenvolvido sob os aportes da Sociolinguística Variacionista, o artigo enfatiza os fatores internos e externos ao sistema linguístico que se apresentam como condicionadores do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade de Cáceres; Pronomes ‘ME’ e ‘SE’; Verbos pronominais; Verbos reflexivos; Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT: This paper presents a study about a particularity of the dialect of the community of Cáceres-MT regarding the use of the pronouns "ME" and "SE". It deals with the tendency of omission of these pronouns by the community natives in front of pronoun and reflexive verbs. Developed under the contributions of Variationist Sociolinguistics, the article emphasizes the internal and external factors to the linguistic system that are presented as conditioners of the phenomenon.

KEYWORDS: Cáceres community; Pronouns 'ME' and 'SE'; Pronominal verbs; Reflexive verbs; Variationist sociolinguistics.

Introdução

O avanço dos estudos linguísticos, ocorridos nas últimas décadas, tem possibilitado a investigação e o conhecimento da linguagem humana sob as mais diversas áreas do conhecimento. As formas diferenciadas de se praticar uma língua constituem um dos objetos mais intrigantes da pesquisa linguística, em virtude das possibilidades de compreender, a partir desses estudos, questões fundamentais não apenas sobre o funcionamento da língua nos seus aspectos internos, como também sobre

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), especialista em Linguística pela Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), mestranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).



a vida social dos falantes, os processos históricos que determinam a heterogeneidade linguística e as relações de força política que definem as práticas languageiras através do tempo. Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de um estudo de pesquisa de fala regional, realizado na comunidade de Cáceres-MT e desenvolvido sob a abordagem da Sociolinguística Variacionista.

Sabemos que uma língua não é falada do mesmo modo em todos os lugares, nem por todas as pessoas. Existem diferenças regionais, além das diferenças sociais que atingem uma língua, fazendo com que assuma diferentes formas, diferentes falares. Em se tratando do português brasileiro, cada região do Brasil tem um modo próprio de falar, assim como cada grupo social, dentro de uma mesma região, fala de um modo particular que o torna diferente dos demais grupos.

O falar característico da comunidade de Cáceres-MT é um exemplo dessa variação, o que desperta a atenção de alguns linguistas que buscam na cultura e tradição dos nativos cacerenses explicações para fenômenos regionais. Nessa perspectiva, este artigo representa um estudo sobre *a omissão dos pronomes oblíquos átonos “me” e “se” diante de verbos pronominais e reflexivos na fala da comunidade de Cáceres-MT*. Assim, busca uma explicação para tal fenômeno linguístico, fazendo uma inter-relação entre língua e sociedade a partir do que propõe a sociolinguística, visto que cabe a ela examinar a co-variação entre os fenômenos linguísticos e sociais e estabelecer uma relação de causa e efeito.

Sobre essa inter-relação entre língua e sociedade, Monteiro (2000) afirma que “a própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento que variam em função do tempo e do espaço (MONTEIRO, 2000, p.17)

Esse fato de a língua estabelecer contatos sociais e o papel social por ela desempenhado de transmitir informações sobre o falante constitui uma prova crucial de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade, conforme defende a sociolinguística.

Assumindo a variação como inerente ao sistema das línguas, *a omissão dos pronomes oblíquos átonos “me” e “se” diante dos verbos pronominais e reflexivos é*



um fenômeno variável que tem sido também observado não só na comunidade de Cáceres-MT como também em outras regiões do país, pelos que se ocupam do estudo da variedade do português brasileiro.

1. Metodologia

O corpus, composto de amostras de fala de nativos da comunidade, foi organizado através de dados colhidos de trinta e seis entrevistas gravadas e transcritas. Para isso, foi desenvolvida uma metodologia de coleta de dados, obedecendo a células formadas com base nos fatores extralinguísticos sexo, idade e escolaridade, usados como parâmetros correlacionados ao uso das variantes.

Com base no modelo laboviano de análise linguística, a análise dos dados foi feita sob a perspectiva do controle de fatores linguísticos e extralinguísticos (sexo, idade e escolaridade) que poderão estar condicionando o fenômeno.

Dos 36 informantes 18 são do sexo masculino e 18 do sexo feminino, representados por três grupos de idade: de 14 a 20 anos, de 21 a 30 anos e mais de 30 anos; e níveis de escolaridade, a saber: ensino fundamental, ensino médio e ensino universitário.

2. Norma linguística e uso da língua

Cada língua constitui um sistema de relações que determina os padrões permissíveis ou não na comunicação. Esses padrões ou regras são as normas do sistema linguístico, que cabe ao falante de cada língua respeitá-las, para “bem falar”.

A norma linguística é a diretriz adotada para o ensino de uma língua, em que se leva em conta o papel social que a língua desempenha no seio da sociedade. Cabe, portanto, ao falante levar em conta este importante aspecto da vida social nas manifestações de uso da língua e à gramática normativa fazer valer esse papel social através das regras. Esse conjunto de regras, que serve de padrão social, pauta-se de



forma excessivamente normativo e purista na orientação da gramática, mas goza de um total liberalismo de acordo com a orientação linguística.

A gramática normativa, como contingência social, depende da Escola para reafirmar sua posição em relação às regras de uso da língua, que estão pautadas na língua culta e não na modalidade popular e/ou regional. Na defesa do que é CERTO e ERRADO em relação à língua, a gramática procura sempre manter as mesmas formas de uso da língua, em nome de uma língua homogênea. Fugindo do maniqueísmo certo/errado, a linguística procura valorizar os usos expressivos da linguagem popular, mas sem perder de vista a função social do ensino da língua, no momento em que faz a distinção entre língua falada e língua escrita.

Deixando de lado essas atitudes extremistas relativas à norma linguística e levando em conta a mobilidade das relações do sistema, percebemos que as relações do sistema linguístico não são estáticas, mudam com o tempo, ou por razões culturais, visto que elas presidem e preexistem à atividade do falante.

No que se refere à complexidade de reais situações linguísticas, Martinet (1993) afirma que “nenhuma comunidade linguística pode considerar-se composta de indivíduos que falem uma língua em todos os pontos idêntica” (MARTINET, 1993, p. 383). Partindo desse princípio, compreende-se que nenhuma língua é falada de forma homogênea por uma comunidade. Isto é, as línguas não são estáticas, elas evoluem, variam, mudam com o tempo. Logo, haverá sempre variações nas línguas, variações essas que podem ser absorvidas e reintegradas ao sistema.

2.1. Verbos reflexivos e pronominais de acordo com a GN

A Gramática Normativa (GN) ou Gramática Tradicional (GT) conceitua os verbos reflexivos como aqueles que se conjugam com pronomes átonos do caso oblíquo (com função de objeto) na pessoa idêntica à do sujeito (SACCONI, 1986, p.154). Num exemplo de uso de verbo reflexivo na primeira pessoa do singular apresentado por esse autor, *Eu me cortei*, o pronome pessoal do caso reto *Eu* tem função de sujeito e o pronome pessoal do caso oblíquo *me* tem função de objeto. De forma que



semanticamente existe nesse contexto uma ação reflexiva em que a pessoa que faz a ação é a mesma que também sofre essa ação.

No exemplo *Ela se dá ares de importante* em que é utilizado o verbo reflexivo na terceira pessoa do singular, as funções sintáticas exercidas pelos dois pronomes pessoais são as mesmas do primeiro exemplo: o pronome pessoal *Ela* tem função de sujeito e o pronome pessoal do caso oblíquo *SE* tem função de objeto, em que a ação reflexiva torna semanticamente o *Ela* (sujeito) ser passivo de sua própria ação na representação do pronome oblíquo *se*, ou seja, *Ela* dá ares de importante a si mesma.

Conforme Sacconi (1986), dentre os verbos considerados reflexivos pela GN estão: coçar-se, despir-se, embonecar-se, enfeitar-se, enforçar-se, ferir-se, lavar-se, machucar-se, maquilar-se, matar-se, pentear-se, pintar-se, trancar-se, vestir-se.

Sobre os verbos pronominais, a GN os conceitua como sendo os que se conjugam com pronomes átonos integrantes. Isto é, os pronomes átonos que os acompanham são partes integrantes desses verbos, por isso, não exercem função sintática como exercem os pronomes que acompanham os verbos reflexivos. Para a GN, os pronomes que acompanham os verbos pronominais fossilizam-se junto a esses verbos.

Como exemplo de verbo pronominal, a GN apresenta *Eu me arrependi do que fiz*, considerando como erro a possibilidade da utilização dessa frase com a omissão do pronome oblíquo átono (*me*), como *Eu (...) arrependi do que fiz*. Da mesma forma ela considera erro a omissão do pronome *se* em uma frase como esta: *Ela se queixa do frio*, defendendo que a estrutura sem o pronome como *Ela (...) queixa de frio* não se deve construir (SACCONI, 1986, 154).

Dentre os verbos considerados pronominais pela GN, Sacconi (1986) cita: agitar-se, assustar-se, atolar-se, apiedar-se, atrever-se, avir-se, compadecer-se, condoer-se, debater-se, dignar-se, esforçar-se, indignar-se, regozijar-se, suicidar-se, ufanar-se, zangar-se.

Levando em consideração a semântica dos verbos pronominais, a GN defende que “um verbo usado com pronome será sempre pronominal se o seu homônimo possuir



outro significado ou exigir construções diferentes” (SACCONI, 1986, p.154). O auto dá como exemplo:

1. a) O ministro *debateu* os índices de inflação com seus assessores.
2. a) A garota, no leito do hospital, *debateu-se* como louca.

No exemplo 1a o verbo *debater* significa discutir, trocar ideia sobre e não tem pronome. Já no exemplo 2a o verbo *debater* é usado com o pronome *se* e significa agitar-se, mudando, assim, de significado em relação ao primeiro exemplo. A GN considera, portanto, o verbo *debater-se* do exemplo 2a um verbo pronominal, reafirmando que todo verbo usado com pronome será considerado sempre pronominal.

Sacconi (op.cite) apresenta ainda dois exemplos, cujos verbos mesmo sendo iguais em grafia e significado, para o autor, diferem na classificação.

Observe os exemplos:

1. b) Ifigênia *encontrou* Jeni.
2. b) Ifigênia *encontrou-se* com Jeni.

O autor considera pronominal apenas o verbo *encontrar-se* do exemplo 2b, pelo fato desse verbo estar acompanhado do pronome *se*. Embora tendo o verbo o mesmo significado nos dois exemplos, para esse autor os verbos diferem em relação à classificação sintática: no exemplo 1b o verbo *encontrar* é transitivo direto e no exemplo 2b o verbo *encontrar* acompanhado do pronome *se* é transitivo indireto. Portanto, a mudança sintática² do verbo *encontrar* em relação aos dois exemplos, faz com que o verbo *encontrar* usado com o pronome *se* no exemplo 2.b seja considerado pronominal.

Ainda sobre os verbos reflexivos e pronominais a GN defende que “os verbos reflexivos aceitam a posposição das expressões *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos*, os pronominais não” (SACCONI, 1986, p.154). Logo, defende também que:

Somente são reflexivos os verbos de ação reflexa exterior (coçar-se, despir-se, etc.), porquanto o pronome que os acompanha exerce determinada função sintática. Os chamados verbos de ação reflexa

² Apesar de o autor não mencionar ocorre também mudança semântica. Como no exemplo 2 a).



interior física (curvar-se, deitar-se, erguer-se, esconder-se, jogar-se, lançar-se, levantar-se, precipitar-se, sentar-se, etc.) e os de ação reflexa interior psíquica (alegra-se, arrepender-se, entristecer-se, envergonhar-se, espantar-se, esquecer-se, lembrar-se, etc.), porém, são pronominais, e não reflexivos, porquanto o pronome que os acompanha faz deles parte integrante. (SACCONI, 1986, p. 154)

Há alguns verbos que são usados com o pronome e não são considerados pronominais para a GN, visto que o uso do pronome nesses casos é indiferente, podendo o verbo ser usado com ou sem esse pronome. Nesses casos, o pronome se diz *expletivo* ou de *realce*, conforme classificação da GN, por exemplo, o verbo casar/casar-se.

Luft (2002) não faz distinção entre *verbo pronominal* e *verbo reflexivo*, quando afirma que “chamam-se *pronominais* os verbos que ocorrem acompanhados de pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito, por isso dito “reflexivo” (reflete o sujeito): *eu me arrependo, tu te arrependes, etc*” (LUFT, 2002, p.12). Todavia, defende a existência de verbos que, para este autor, não ocorre nunca sem pronome reflexivo, como, por exemplo, os verbos: *queixar-se, arrepender-se*, entre outros. Portanto, para Luft o verbo que ocorre acompanhado de pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito é pronominal, chamando reflexivo apenas o pronome que acompanha esse verbo e construções reflexivas aquelas formadas com verbos pronominais.

2. 2. Uso dos pronomes átonos – Colocação pronominal

A GN do português apresenta regras que devem ser utilizadas para o uso dos pronomes oblíquos átonos - **colocação pronominal ou sintaxe de colocação**, em função da *ordem* das estruturas sintáticas do português, como princípio básico da estruturação de uma língua.

No português brasileiro, há uma visível distância entre a fala popular e a fala culta em relação ao uso dos pronomes átonos. Os falantes cultos tendem a se aproximar das normas gramaticais quanto ao uso desses pronomes, enquanto outros falantes optam por uma forma menos comprometida com os padrões gramaticais. Isso resultou no distanciamento entre a forma popular e a forma culta de usar os pronomes átonos pelos falantes da língua.



Em relação à colocação pronominal, a GN admite três posições do pronome átono junto aos verbos. A primeira, denomina-se próclise, posição em que o pronome dito *proclítico* antecede o verbo, como no exemplo “Nunca *se* viu pessoa mais desmazelada” tende a ser a posição mais utilizada pelos falantes do português brasileiro. Segundo Bearzoti Filho (1990, p. 43) “isso se dá porque entre nós os pronomes não são propriamente átonos, mas subtônicos, isto é, possuem uma certa independência de acento”.

A segunda posição denominada ênclise é a posição em que o pronome vem após o verbo e diz-se *enclítico*, como no exemplo “Vou-me embora pra Pasárgada”. Já na terceira posição, a mesóclise, o pronome dito *mesoclítico* aparece intercalado ao verbo, como no exemplo “Dar-te-ei uma rosa como prova do meu amor”, hoje considerada uma posição em desuso no português brasileiro.

Neste trabalho, procuramos distinguir as formas de uso dos pronomes oblíquos átonos “me” e “se” diante de verbos pronominais e reflexivos entre os falantes da comunidade de Cáceres-MT.

3. Os pronomes “me” e “se” diante de verbos pronominais e reflexivos na fala de Cáceres-MT

Na fala da comunidade de Cáceres é comum a omissão do pronome oblíquo átono que deveria ser utilizado junto aos verbos pronominais e reflexivos. Como exemplos desse caso, podemos citar: *Eu formei em Letras* por *Eu me formei em Letras*, ou *Ele apaixonou na menina* por *Ele se apaixonou pela menina*.

De acordo com os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, as formas variantes de um fenômeno variável podem estar relacionadas a diversos fatores de natureza linguística e/ou extralinguística. A análise do fenômeno em questão, feita em função de fatores linguísticos e sociais que podem estar condicionando o fenômeno variável, teve como enfoque a *omissão do uso dos pronomes*, considerando o expressivo número de ocorrência dessa variante no estudo.



Não é pretensão, deste trabalho, fazer uma análise mais detalhada dos fatores linguísticos, de forma que o enfoque maior será dado aos fatores sociais (sexo, idade e escolaridade). Considera-se, aqui, como verbos pronominais aqueles de ação reflexa interior psíquica, cujo pronome que o acompanha faz dele parte integrante do verbo.

3. 1. Variáveis Linguísticas

3.1.1. Uso do “me” e “se” diante de verbos pronominais e reflexivos

Na pesquisa realizada, observamos o uso do “me” e “se” diante de verbos pronominais e reflexivos na fala da Comunidade de Cáceres. Os resultados podem ser examinados a seguir na Tabela 1 e Quadro 1 que apresentam os percentuais relativos ao uso dos pronomes “me” e “se” diante dos verbos pronominais e reflexivos.

Tabela 1

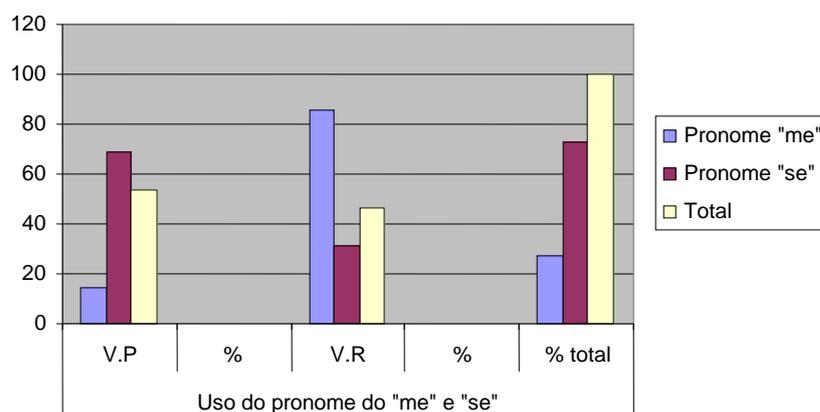
Efeito do uso do “me” e “se” diante dos verbos pronominais e reflexivos

Uso dos pronomes “me” e “se”						
Formas pronominais	V.P.	%	V.R.	%	Total de ocorrências	% Total
Pronome “me”	1	14,29	6	85,71	7	26,92
Pronome “se”	13	68,42	6	31,58	19	73,08
Total	14	53,85	12	46,15	26	100

Gráfico 1

Representação do uso do “me” e “se” diante dos verbos pronominais e reflexivos

Gráfico 1



De acordo com os resultados acima, verifica-se um índice razoavelmente baixo de uso do “me” em relação ao uso do “se” diante desses verbos, 26,92% de uso do “me” contra 73,08% de uso do “se”. Tendo o “me” maior índice de uso diante de verbos reflexivos (85,71%), e o “se” maior índice de uso diante de verbos pronominais (68,42%).

Considerando os índices totais de uso dos pronomes “me” e “se” por tipo de verbo, observa-se que a diferença não chega a ser significativa 53,85% de uso dos pronomes diante de verbo pronominal, contra 46,15% de uso diante de verbo reflexivo. O que realmente se mostrou significativa foi a distribuição de uso desses índices caso a caso.

Com base nesses resultados, nos parece que os verbos pronominais condicionam mais o uso dos pronomes diante deles do que os verbos reflexivos. Apesar de a diferença entre os dois casos ser pouco significativa. Esses resultados já eram esperados, considerando a obrigatoriedade de uso do pronome diante dos verbos pronominais, conforme defende a Gramática Normativa.

3.1.2. Omissão do “me” e “se” diante dos verbos pronominais e reflexivos

Já em relação à *omissão* dos pronomes “me” e “se”, ao contrário do que ocorreu com o *uso* desses pronomes, observa-se um elevado índice de omissão do pronome “me” diante de verbos reflexivos, 90,24%, e um baixo índice de omissão desse pronome diante de verbos pronominais, 9,76%. A Tabela e Gráfico 2, a seguir, mostram de forma clara esses resultados.

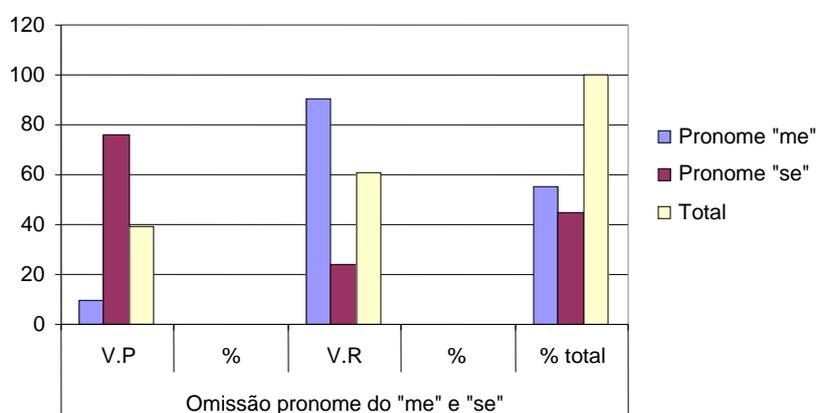
Tabela 2

Efeito da omissão do “me” e “se” diante dos verbos pronominais e reflexivos

Omissão dos pronomes “me” e “se”						
Formas pronominais	V.P.	%	V.R.	%	Total de ocorrências	% Total
Pronome “me”	4	9,76	37	90,24	41	55,41
Pronome “se”	25	75,76	8	24,24	33	44,59
Total	29	39,19	45	60,81	74	100

Gráfico 2

Representação da omissão do “me” e “se” diante dos verbos pronominais e reflexivos
 Gráfico 2





De acordo com os resultados da **Tabela 2**, do total de omissões do pronome “me” diante dos verbos 90,24% foram diante de verbos reflexivos e apenas 9,76% foram diante de verbos pronominais. No que se refere ao pronome “se”, do total de omissões do “se” diante dos verbos, 75,76% foram diante de verbos pronominais e apenas 24,24% foram diante de verbos reflexivos.

A Tabela e do Gráfico 2 mostram que, considerando o uso do pronome, cabe ao pronome “me” o maior índice de omissão diante dos verbos (55,41%) e ao pronome “se” o menor índice de omissão (44,59%), embora a diferença entre os índices de um caso para outro seja pouco significativa. Mas, considerando o tipo de verbo, cabe ao verbo reflexivo o maior índice de omissão dos pronomes diante dele (60,81%) e ao verbo pronominal o menor índice, 39,19% de omissão.

Percebe-se que essa diferença de índices dos verbos em relação à omissão dos pronomes não se mostrou significativa, e menos significativa ainda se mostrou a diferença de índices de omissão dos pronomes em relação aos verbos.

Diante dos resultados, podemos dizer que cabe ao pronome “me” o maior índice de omissão diante dos verbos, embora a diferença de índice em relação ao pronome “se” não seja significativa; assim como cabe aos verbos reflexivos o maior índice de omissão dos pronomes diante dele.

Portanto, pelos resultados, nos parece que os verbos reflexivos condicionam mais a omissão dos pronomes diante deles do que os verbos pronominais, e que os casos de emprego do pronome “me” levam mais à omissão do pronome diante do verbo do que os casos de emprego do pronome “se”.

3.2. Variáveis extralinguísticas

3.2.1. Variável Sexo

a) Variável sexo em relação ao pronome *me*

A tabela e gráfico 3A, a seguir, permitem observar que a fala das mulheres e dos homens apresenta diferenças de uso em relação a variável sexo.

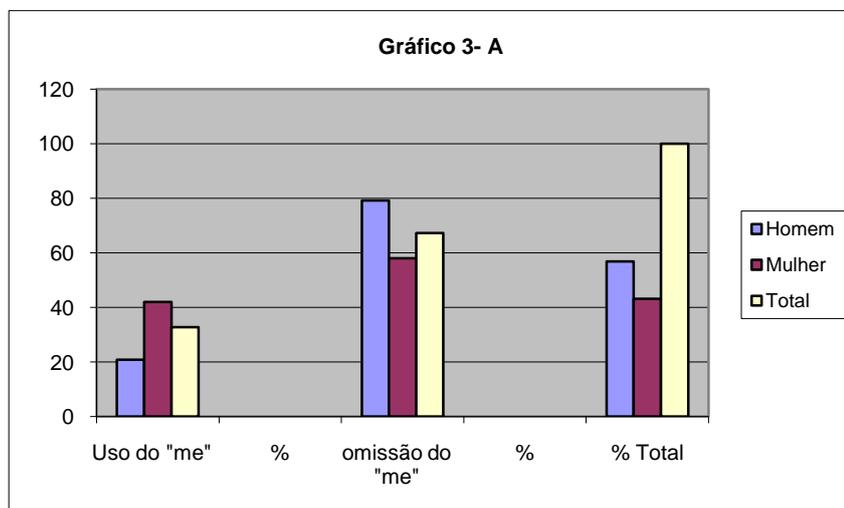
Tabela 3A

Efeito da variável sexo no uso e omissão do pronome “me”

Sexo	Uso do “me”	%	Omissão do “me”	%	Número de ocorrências	% Total
Homem	3	12	22	88	25	56,81
Mulher	3	16,66	16	83,33	19	43,18
Total	6	13,95	38	86,04	44	100

Gráfico 3A

Representação do uso e omissão do pronome “me” conforme a variável sexo



De acordo com os resultados da tabela 3A, vistos com maior clareza no gráfico 1A, os homens apresentam maior índice de omissão do pronome *me* (88 %), embora o índice apresentado pelas mulheres não tenha se distanciado tanto do índice apresentado pelos homens (83,33 % de omissão).



No gráfico 3A percebe-se com mais clareza esses resultados. O uso da forma não padrão entre homens e mulheres foi bastante expressivo, com pouca diferença de uso dessa forma entre os dois sexos, isto é, tanto homens como mulheres assumem a forma desprestigiada, seguindo um modelo que contraria o padrão normativo.

Esses resultados vão de encontro a maioria dos estudos já realizados na área, uma vez que nesses estudos cabe às mulheres o maior uso da variante padrão, ou seja, da variante de prestígio.

A vaidade, própria das mulheres, faz com que elas procurem se expressar mais de acordo com a norma gramatical, diferentemente dos homens, cujo machismo característico da espécie, os impede de optar por uma forma de mais cuidadosa de expressão.

b) Variável sexo em relação ao pronome *se*

No tocante à variável sexo em relação ao pronome *se*, tabela e gráfico 1B apresentam os resultados obtidos.

Tabela 4 B

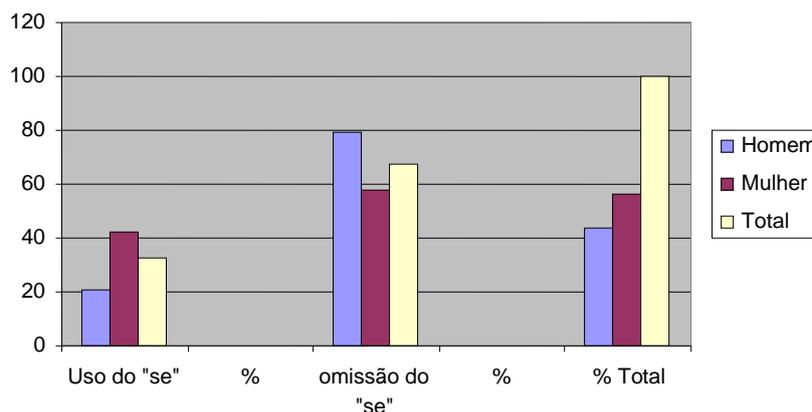
Efeito da variável sexo no uso e omissão do pronome “se”

Sexo	Uso do “se”	%	Omissão do “se”	%	Número de ocorrências	% Total
Homem	5	20,83	19	79,16	24	43,63
Mulher	13	41,93	18	58,06	31	56,36
Total	18	32,72	37	67,27	55	100

Gráfico 4B

Representação do uso e omissão do pronome “se” conforme a variável sexo

Gráfico 4- B



Assim como ocorreu com o “me”, a omissão do “se” por parte dos homens (79,16%) foi maior do que por parte das mulheres (58,06%), porém com uma diferença bem mais expressiva como mostra tabela e gráfico 4B, como se pode observar pelos resultados.

Em relação ao “se”, a resposta das mulheres tende a se aproximar mais do padrão normativo do que foi observado em relação ao “me”. Mesmo mostrando pouca diferença entre uso (41,93%) e omissão (58,06%) do “se”, pode-se dizer que o sexo feminino ainda é mais sensível à norma padrão da linguagem do que o sexo masculino, que apresentou apenas 20,83% de uso do “se” e 79,16% de omissão.

Constata-se, assim, através dos resultados, que ocorre mais omissão do *se* por parte do homem do que por parte da mulher. De modo que a mulher lidera em relação ao uso do *se* com uma expressiva diferença em relação ao homem.

Portanto, os resultados em relação as duas formas pronominais “me” e “se” no tocante à variável sexo tendem a ir ao encontro de estudos já realizados também na região como o de Silva (2005) e de Bianco,(2008) que apontam a mulher como mais sensível ao padrão normativo do que o homem.

3.1.2 Variável Idade

a) Variável idade em relação ao pronome *me*

Os resultados da variável idade em relação à forma *me* estão representados na tabela e gráfico 5A, a seguir.

Tabela 5A

Efeito da variável idade no uso e omissão do pronome “me”

Idade	Uso do “me”	%	Omissão do “me”	%	Número de ocorrências	% Total
14 a 20	0	0	11	100	11	24,44
21 a 30	3	17,64	14	82,35	17	37,77
30 ou mais	3	18,75	14	81,25	17	37,77
Total	6	13,63	39	86,36	45	100

Gráfico 5A

Representação do uso e omissão do pronome “me” conforme idade

Gráfico 5- A

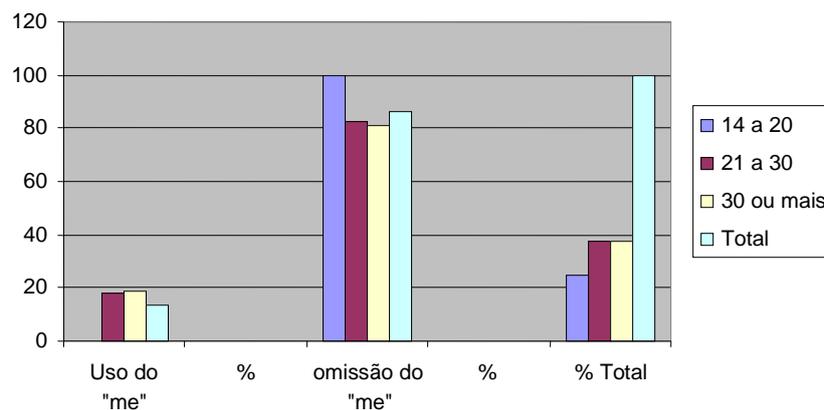




Tabela e gráfico 5A mostram que a omissão do pronome *me* entre os mais jovens (de 14 a 20 anos) foi categórica (100% de omissão), em seguida vem o índice relativo à faixa intermediária (de 21 a 30 anos) com 82,35% de omissão e por último o índice apresentado pelos mais velhos (+ 30 anos), registrando 81,25% de omissão desse pronome. Percebe-se pelos índices que a diferença de omissão entre a faixa etária intermediária e a faixa etária dos mais velhos (+ de 30 anos) é mínima.

É importante atentar para os índices apresentados pelos mais jovens 100% de omissão, portanto 0% de uso. Esses resultados vão totalmente de encontro ao que já vinha sido constatado por trabalhos já realizados, considerando a análise pelo ponto de vista variante padrão X variante não-padrão. Mas, considerando a análise do ponto de vista variante inovadora X variante conservadora, a *omissão do pronome me*, vista como a variante inovadora neste estudo e que apresentou um índice categórico em relação aos mais jovens, vai totalmente ao encontro dos resultados de trabalhos já realizados, seguindo essa linha de raciocínio, uma vez que sob esse ponto de vista cabe aos falantes mais jovens o uso do padrão inovador e aos mais velhos o uso do padrão conservador.

Trabalhos realizados na região como o de Karim (2004), por exemplo, que analisou presença e ausência de concordância na fala dos nativos da comunidade de Cáceres, mostra, em relação a variável idade, que às pessoas mais velhas cabe o uso das variantes mais conservadoras e às mais novas o uso das variantes mais inovadoras.

Percebe-se, portanto, que os índices apresentados pelas três faixas etárias em relação à omissão do pronome *me* são bastante significativos, apontando para a omissão definitiva do *me* nessa região.

c) Variável idade em relação ao pronome *se*

Os resultados apresentados pelo pronome “se” em relação à variável idade estão demonstrados na tabela e gráfico 6B.

Tabela 6B

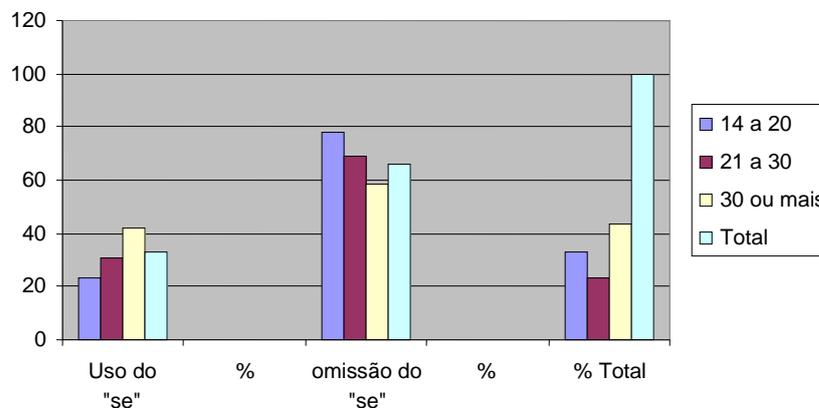
Efeito da variável idade no uso e omissão do pronome “se”

Idade	Uso do “se”	%	Omissão do “se”	%	Número de ocorrências	% Total
14 a 20	4	23,52	14	77,77	18	32,72
21 a 30	4	30,76	9	69,23	13	23,36
30 ou mais	10	41,66	14	58,33	24	43,63
Total	18	33,33	37	66,27	55	100

Gráfico 6B

Representação do uso e omissão do pronome “se” conforme idade

Gráfico 6- B



Em relação à variável idade, os resultados relativos ao pronome “se” são bem parecidos com os apresentados pelo pronome “me”, com diferenças não muito significativas em relação aos números correspondentes aos índices. Cabendo, portanto, aos jovens (de 14 a 20 anos) o maior índice de omissão do pronome *se* (77,77%), em segundo lugar vem a faixa intermediária (de 21 a 30 anos), registrando um índice de 69,23% de omissão e por último a faixa dos mais velhos (+ de 30 anos), apresentando um índice de 58,33% de omissão do *se*.



No que diz respeito à variável idade, o que difere mais em relação aos resultados entre *me* e *se* são os índices de omissão dos pronomes apresentados pelos mais jovens, 100% de omissão do *me* contra 77,77% de omissão do *se*. De forma que, de acordo com os resultados, os jovens ainda fazem uso do pronome *se* (23,52%), o que não ocorre em relação ao pronome *me*.

Percebe-se pelos gráficos 6a e 6B uma certa gradação decrescente dos índices de omissão dos pronomes à medida que a idade aumenta, ou seja, quanto mais velho é o falante menor é o índice de omissão dos pronomes *me* e *se* que eles apresentam.

Os resultados sobre a variável idade a que chegamos neste estudo em relação às duas formas pronominais vão ao encontro da maioria dos estudos já feitos na área, isto é, as pessoas de mais idade tendem a preferir as formas mais conservadoras e as mais jovens as formas mais inovadoras. Isso, considerando como conservadora o uso das formas pronominais e como inovadoras a omissão dos pronomes.

3.1.3 Variável Escolaridade

a) Variável escolaridade em relação ao pronome *me*

A tabela e gráfico 7A, a seguir, apresentam os resultados da variável escolaridade em relação ao pronome *me*.

Tabela 7 A

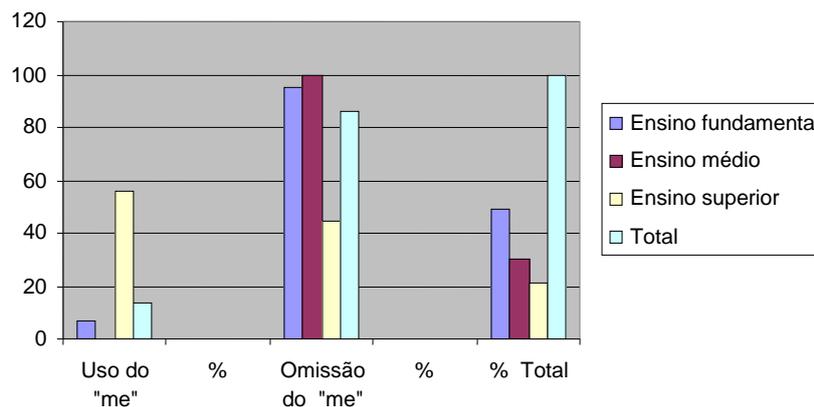
Efeito da variável escolaridade no uso e omissão do pronome “me”

Nível escolar	Uso do “me”	%	Omissão do “me”	%	Número de ocorrências	% Total
Ensino fundamental	1	6,66	20	95,23	21	48,83
Ensino médio	0	0	13	100	13	30,23
Ensino superior	5	55,55	4	44,44	9	20,93
Total	6	13,95	37	86,04	43	100

Gráfico 7A

Representação do uso e omissão do “me” conforme escolaridade

Gráfico 7- A



A partir da Tabela e Gráfico 7A, observa-se que cabe aos falantes do nível médio de ensino o maior índice de omissão do “me” (100%), seguindo-se a esses vêm os falantes do nível fundamental de ensino com 95,23% de omissão desse pronome, e com menor índice de omissão estão os falantes do nível superior (44,44%). Em relação ao grau de escolaridade, é comum em trabalhos já feitos na área que à medida que o nível de escolaridade aumenta mais próximo o falante fica da variante padrão. Portanto, a expectativa era a de que a omissão do pronome caísse conforme o grau de escolaridade do falante aumentasse. Neste estudo, o menor índice de omissão é o dos falantes do nível superior (44,44%). Porém, surpreende o índice de omissão apresentado pelos falantes do nível médio que foi categórico (100% de omissão do me), maior ainda do que o percentual de omissão apresentado pelos falantes do ensino fundamental que apresentou 95,23% de omissão do pronome.

Portanto, Tabela e Gráfico 7A, mostram que a omissão do “me” é mais acentuada em relação ao ensino médio e ensino fundamental, que apresentam índices muito próximos. Porém, no tocante ao ensino superior, o índice de omissão cai bastante

em relação aos outros dois níveis. Isso vem confirmar o papel da escola, pois é na escola que temos contato com a norma padrão e conseqüentemente aprendemos a usá-la.

b) Variável escolaridade em relação ao pronome *se*

Através da Tabela e Gráfico 8B podemos observar os resultados apresentados pela variável em relação ao pronome *se*.

Tabela 8B

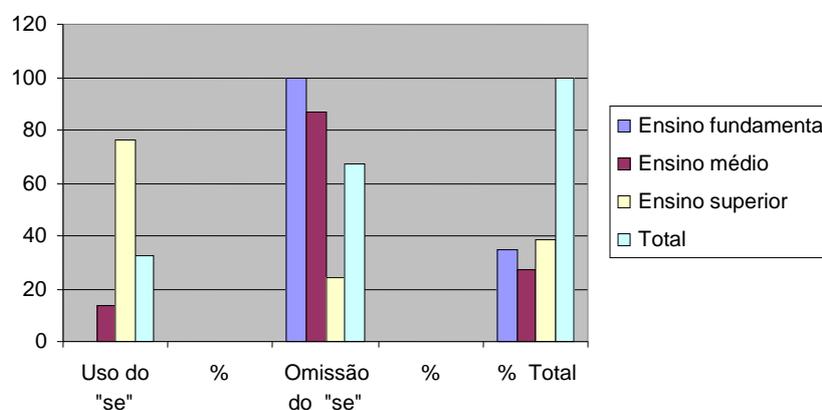
Efeito da variável escolaridade no uso e omissão do pronome “se”

Nível escolar	Uso do “se”	%	Omissão do “se”	%	Número de ocorrências	% Total
Ensino fundamental	0	0	19	100	19	34,54
Ensino médio	2	13,33	13	86,66	15	27,27
Ensino superior	16	76,19	5	23,80	21	38,18
Total	18	32,72	37	67,27	55	100

Gráfico 8B

Representação do uso e omissão do pronome “se” conforme escolaridade

Gráfico 8- B





De acordo com os resultados da Tabela 8B, percebemos que cabe aos falantes do nível fundamental o maior índice de omissão do “se” (100% de omissão), em segundo lugar vem o nível médio com 86,66% e em terceiro o ensino superior com 23,80% de omissão desse pronome. O ensino fundamental em relação ao ensino médio não chega a registrar uma grande diferença de omissão, mas é bem significativa a diferença apresentada pelo ensino superior em relação aos outros dois níveis de escolaridade.

O comum nos trabalhos já realizados na área é que os falantes com maior nível de escolarização empreguem mais a variante padrão, ou forma de prestígio, do que aqueles com menor nível de escolarização, como mostram os resultados do trabalho desenvolvido por Labov (2000) nos Estados Unidos sobre variação entre fricativas, africadas e oclusivas. Neste estudo, os falantes com maior nível de escolarização empregam mais frequentemente as fricativa, consideradas como forma padrão, enquanto os menos escolarizados empregam mais as africadas e oclusivas, formas consideradas desprestigiadas, ou não-padrão.

Diferente dos resultados apresentados pelo *me* no que se refere à escolaridade, os resultados apresentados pelo *se* vão ao encontro dos resultados dos muitos estudos já realizados na área da Sociolinguística com a variável escolaridade, pois demonstraram que os falantes com maior nível de escolarização empregam mais a forma padrão.

Os resultados apresentados na Tabela e Gráfico 8B em relação ao “se”, são mais regulares do que os resultados apresentados pelo pronome “me”. Porém, observa-se em relação ao “se” uma acentuada gradação decrescente em relação à *omissão* do pronome e grau de escolaridade, mostrando que à medida que o nível de escolaridade do falante aumenta diminui o percentual de *omissão* do pronome “se”.

Considerações finais

Verificou-se, de acordo com os resultados, que a omissão dos pronomes “me” e “se” diante dos verbos pronominais e reflexivos é maior do que o uso e que os verbos reflexivos condicionam mais a omissão dos pronomes diante deles do que os verbos



pronominais. Além disso, foi possível observar que há mais casos de omissão do pronome “me” do que casos de omissão do pronome “se” diante dos verbos.

Sobre as variáveis sociais, os resultados mostram que os homens omitem mais os pronomes do que as mulheres. Portanto, as mulheres se mostram mais sensíveis ao padrão normativo do que o homem.

Em relação à idade, cabe aos mais jovens o maior índice de omissão. Esses resultados vão ao encontro da tendência dos mais velhos a utilizarem a forma mais conservadora, no caso, o padrão normativo.

Quanto ao nível de escolaridade, os resultados mostram que a omissão do “me” se dá mais entre os falantes do ensino médio e fundamental com diferença mínima de índice entre esses falantes. Sobre o pronome “se”, cabe aos falantes do ensino fundamental o maior índice de omissão deste pronome, diminuindo o percentual de omissão à medida que o nível de escolaridade do falante aumenta. Portanto, pelos resultados apresentados neste estudo, aqueles que têm nível superior de escolarização utilizam mais o padrão normativo.

Bibliografia

- ALKMIM, T. Sociolinguística – Parte I. In: MUSSALIN & BENTES (orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. V. I São Paulo: Cortez, 2001.
- BEARZOTI FILHO, Paulo. “**Discutindo Língua Portuguesa**”, 1990, p. 43.
- BIANO, Rosana de Aguiar. **O uso da 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito simples na fala do cacerense**. Universidade do Estado de Mato Grosso. (Monografia de Término de Curso) Cáceres. Mato Grosso, 2008.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes, 2007.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística – Parte II. In. MUSSALIN & BENTES (orgs.): **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. V. I São Paulo: Cortez, 2001.
- CÂMARA JR, J. M. **Línguas Europeias de Ultramar: o português do Brasil**. In: *Dispensos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1970.



- CAMARA, JR. J. M. **História e estrutura portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- COSERIU, Eugenio. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- COUTO, Hildo. H. do. **O que é português brasileiro**. 6. ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.
- MACEDO, Jocineide Karim. **A variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Universidade Estadual Paulista. (Dissertação de Mestrado), Araraquara. São Paulo, 2004
- MARTINET, André. **Mémoires d'un linguiste**. Paris: Quai voltaire, 1993.
- MATTOS E SILVA, R.V. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MENDES, Natalino Ferreira. **A história de Cáceres**. Tomo I, 1973.
- MENDES, Natalino Ferreira. **Efemérides cacerenses**. Volume II. Brasília, 1992.
- MENDES, Natalino Ferreira. Natalino Ferreira. **A história de Cáceres**. Cáceres, 2001.
- MENDES, Natalino Ferreira. Natalino Ferreira. **Efemérides cacerenses**. Volume I. Brasília, 1992.
- MOLLICA, M. C. & BRAGA (orgs). M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MONTEIRO, J. L. **Para Compreender Labov**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.
- SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa Gramática: Teoria e prática**, 8 ed. São Paulo: Atual, 1986.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA NETO, S. **História da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.) **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996.
- SILVA, Mariza Pereira da. **A dinâmica de um processo de mudança: variação entre [ã w] e [õ] em Mato Grosso**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Tese de Doutorado em Linguística), Rio de Janeiro. R J, 2005



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 34 • Jul 2021

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i34.462>

SILVA, Mariza Pereira da. **Um estudo de variação dialetal a alternância de [ã w] ~[õ] final no português falado na cidade de Cáceres-MT.** (Dissertação de Mestrado em Linguística), Campinas. São Paulo, 2000.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e; FERREIRA, João Carlos. **Breve história de Mato Grosso e de seus municípios.** Cuiabá, 1994.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.

Recebido em: 13/03/2021 | Aprovado em: 28/05/2021.
